

VIOLÊNCIAS DO PATRIARCADO ESPECISTA: O SANGUE COMO MATERIALIDADE DE DENÚNCIA

VIOLENCIAS DEL PATRIARCADO ESPECISTA: LA SANGRE COMO MATERIALIDAD DE DENUNCIA

Autor/a: Yasmin Mariane Flauzino Fortes¹
Universidade Federal do Rio Grande
Associado/a/e ANPAP: não

Co-autor/a: Cláudio Tarouco de Azevedo²
Universidade Federal do Rio Grande
Associado/a/e ANPAP: não

Resumo: Este ensaio visual é um recorte de uma pesquisa acadêmica em poéticas visuais em desenvolvimento, que se baseia na processualidade dos processos criativos em torno das materialidades implicadas na poética em jogo. O sangue é tema central enquanto materialidade que transversaliza debates acerca das violências sociais perpetradas sobre as mulheres lésbicas e animais, como as vacas. É o fio condutor da visualidade que simboliza as violências de um sistema que explora animais não humanos conectadas às violências do patriarcado.

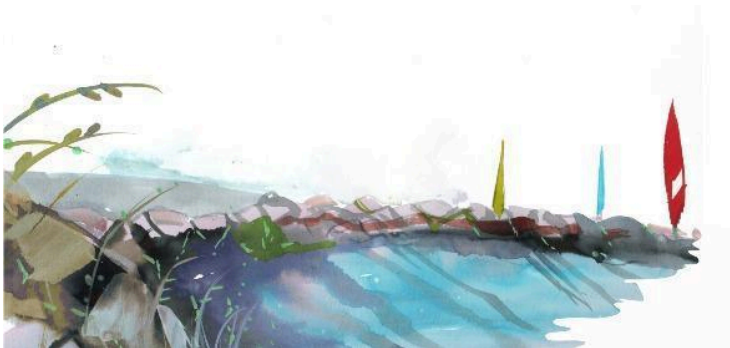
Palavras-chave: Sangue. Animais não humanos. Violências. Fotografia.

Resumen: Este ensayo visual es un extracto de una investigación académica sobre poética visual en desarrollo, basada en la procesualidad de los procesos creativos en torno a las materialidades implícitas en la poética en juego. La sangre es un tema central como materialidad que atraviesa los debates sobre la violencia social perpetrada contra las mujeres lesbianas y los animales, como las vacas. Es el hilo conductor de la visualidad que simboliza la violencia de un sistema que explota a los animales no humanos, vinculado a la violencia del patriarcado.

Palabras clave: Sangre. Animales no humanos. Violencia. Fotografía.

¹ Graduanda em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vegana e lésbica. Foi bolsista de Iniciação Científica com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e atualmente é bolsista da Editora da FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa ARTÆECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/CNPq; E-mail: yasminmffortes@furg.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1470320178553514>. Rio Grande, Brasil.

² Professor dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, artista visual, vegetariano e pesquisador. Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro. Coordenador do Grupo de Pesquisa ARTÆECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/CNPq; vice-líder do Grupo Photographein – UFPel/CNPq.). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8041917371066975>. Rio Grande, Brasil.



O sangue como materialidade de denúncia

O atual ensaio é um recorte de uma pesquisa acadêmica em poéticas visuais em desenvolvimento que se desdobra a partir de dois trabalhos: a fotoperformance “Laguna de Sangue” (2024) e o site-specific “Rastros” (2024), que são produções realizadas no contexto do extremo sul do Brasil, na cidade do Rio Grande (RS). A conexão entre elas ocorre a partir da representação simbólica do sangue como forma de denúncia às violências sociais cometidas sobre animais não humanos, como as vacas que são subjugadas para servir leite e carne aos animais humanos, e às mulheres.

O sangue é empregado como materialidade nos processos de criação, produzido a partir de beterraba, açafrão, polvilho e água, triturados e cozidos até atingir uma coloração e textura semelhantes às do sangue — seja o que circula por corpos humanos e não humanos, seja o menstrual. Assim, é permitido que haja uma intervenção na natureza que aborda a violência e a morte sem ferir qualquer animal.

A fotoperformance “Laguna de Sangue” acontece no cais do Porto do Rio Grande (RS), cujo exporta bois vivos em situações insalubres para consumo de carne. Na obra, a argila nos antebraços representa o estado dos animais após dias confinados em navios, cobertos por fezes e urina. O sangue vegetal entra em contato com as mãos cobertas de argila e é jogado naquelas águas para demarcar e deixar visível a violência ocorrida ali.

Em “Rastros”, o sangue também tem um papel de demarcar e dar visibilidade às violências, mas em relação ao ambiente específico da Praia da Capilha (RS), onde habita certa quantidade de vacas. O impacto ambiental e a violência por trás do uso desses animais como objetos de consumo são ignorados. Após experienciar o ambiente, o sangue foi derramado ao longo da praia sobre as pegadas, os dejetos e a água, deixando rastros que representassem o sangue derramado metaforicamente para tornar visível a crueldade animal naturalizada aos habitantes e visitantes da praia.

A conexão entre os trabalhos emerge da transversalização das violências cometidas sobre mulheres e vacas. As opressões culturais possuem a mesma lógica patriarcal de dominação visto que “a carne ensanguentada do animal evoca o sexo que ciclicamente sangra. Nesse caso, a representação simbólica [...] encontra eco nos fatos literais sobre animais usados para comida. A política sexual da carne é reforçada com a opressão literal de animais fêmeas” (ADAMS, 2018, p. 117). Além da carne, o ciclo de abuso das fêmeas bovinas ocorre também pelas suas características sexuais de produzir leite (FELIPE, 2012). Em uma cultura patriarcal, mulheres e animais são objetos de consumo correlacionadamente, e os homens não são objeto de desejo e afeto romântico das mulheres lésbicas. Recusar a carne e afirmar-se lésbica é, portanto, um ato de desestabilização dessa cultura.

Ao produzir através da interligação de violências sociais e culturais, é impossível não produzir sobre minhas próprias vivências. Ao utilizar o sangue como denúncia, não apenas represento as opressões, mas também falo da minha existência como mulher e lésbica em uma sociedade misógina e homofóbica. Ao entrar em contato com a organicidade do sangue, sangro pelas violências que me atravessaram ao longo da vida.



Imagem 1: Yasmin Fortes, Laguna de Sangue, fotoperformance, 19,05cm X 12,7cm, Rio Grande, 2024.
Foto: Bruno Carneiro e Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 2: Yasmin Fortes, Laguna de Sangue, fotoperformance, 19,05cm X 12,7cm, Rio Grande, 2024.
Foto: Bruno Carneiro e Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 3: Yasmin Fortes, Laguna de Sangue, fotoperformance, 19,05cm X 12,7cm, Rio Grande, 2024.
Foto: Bruno Carneiro e Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 4: Yasmin Fortes, Laguna de Sangue, fotoperformance, 19,05cm X 12,7cm, Rio Grande, 2024.
Foto: Bruno Carneiro e Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 5: Yasmin Fortes, Laguna de Sangue, fotoperformance, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024.
Foto: Bruno Carneiro e Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 6: Yasmin Fortes, Rastros, site-specific, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024. Foto: Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 7: Yasmin Fortes, Rastros, site-specific, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024. Foto: Yasmin Fortes, 2024.



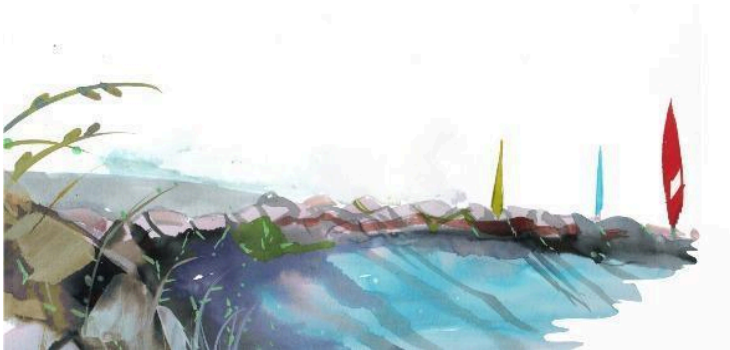
Imagem 8: Yasmin Fortes, Rastros, site-specific, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024. Foto: Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 9: Yasmin Fortes, Rastros, site-specific, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024. Foto: Yasmin Fortes, 2024.



Imagem 10: Yasmin Fortes, Rastros, site-specific, 12,7cm X 19,05cm, Rio Grande, 2024. Foto: Yasmin Fortes, 2024.



Referências

ADAMS, Carol. A Política Sexual da Carne: uma teoria feminista-vegetariana. 2ª ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

FELIPE, Sônia. Galactolatria: mau deleite: implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino. 1ª ed. São José, SC: Ed. da Autora (ecoânima), 2012.

Notas

As obras “Laguna de Sangue” e “Rastros” foram apresentadas como trabalho final das disciplinas de Tridimensionalidade I e Tridimensionalidade II do curso de Artes Visuais Bacharelado.